

PSICOLINGUÍSTICA

GONÇALVES DE LÉO, Nilva.
Curso de Bacharelado em Letras
Centro Universitário Internacional Uninter

LAUFER, Albertina.
Professora Orientadora.

RESUMO

Este trabalho foi elaborado em cima de pesquisas e levantamentos em materiais bibliográficos, livros, teses, sites e arquivos. Na busca de embasamento teórico, a fim de ampliar o conhecimento envolvendo os temas, Psicolinguística, Aquisição da linguagem, Língua Materna e Segundas Línguas. Trataremos da natureza desta disciplina eclética, com o objetivo de mostrar como surgiu a psicolinguística, e seus métodos de pesquisas do comportamento verbal. Veremos também sobre os conceitos teóricos e metodológicos da investigação sobre aquisição de línguas, a teoria Linguística e no estudo da cognição humana, por meio da linguagem, em crianças e adultos. Algumas patologias que atrapalham no desenvolvimento da fala. Em seguida, debruçaremos sobre uma breve descrição da língua materna e segundas línguas. Tendo em vista, compreender e estudar o desenvolvimento da fala, da escrita e do conhecimento da língua materna e estrangeiras. Tem como foco principal analisar a psicolinguística, que se ocupa em pesquisar a língua materna e segundas línguas. Sobre as questões problematizadas referentes ao tema, conforme objetivo geral e objetivo específico desse artigo, foram embasadas com resultados contundentes, através das referências bibliográficas e observações.

Palavras-chave: Psicolinguística, Aquisição da linguagem, língua materna e segundas línguas, Estratégias e diferentes tipos de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é uma ciência encarregada do estudo dos “processos mentais envolvidos na aquisição da linguagem” pelos seres humanos (Altmann, 2006, p.258).

A Psicolinguística, pesquisa as conexões existentes entre questões relacionadas ao conhecimento e ao uso de uma língua.

E os processos psicológicos que se supõe estarem a elas relacionados.

Quais os conceitos teóricos e metodológicos da investigação sobre aquisição de línguas? A dificuldade na aquisição? Quais estratégias de aprendizagem de línguas nas salas de aulas?

Delimitou-se esse tema graças ao estudo do pensamento, da emoção, do psicológico e dos fatores neurológicos que interferem na fala e na linguagem.

O objetivo geral é compreender e estudar o desenvolvimento da fala, da escrita e do conhecimento da língua materna e estrangeiras.

Os objetivos específicos têm como foco principal analisar a psicolinguística desenvolvimental, que se ocupa em pesquisar a língua materna e segundas línguas.

Para muitos estudiosos, a linguagem é uma característica biológica específica, como Pinker (2004), consideram que a linguagem “é mais um instinto” (como a eco localização de golfinhos ou a habilidade tecedora de aranhas) que, uma invenção cultural (como roda ou a escrita), enquanto outros autores como Tomasello (2008), com base em pesquisas feitas com primatas e também com crianças pequenas, “defendem a ideia de que a origem da linguagem é precisamente cultural”.

Com a revolução, formaram-se grupos de pensadores, de um lado a psicologia e do outro a linguística, com intuito de buscar uma maior compreensão em relação aos estudos da aquisição da linguagem, surge a psicolinguística.

O trabalho será realizado a partir de pesquisas e levantamentos em materiais bibliográficos, livros, teses, sites e arquivos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicolinguística é uma disciplina da linguística, que faz a conexão da língua, com o processo psicológico e analisa o processo de aquisição da língua materna e também de uma língua estrangeira.

De acordo com Slama-Cazaku, “a Psicolinguística é concebida como um domínio autônomo e não como ramo de uma das ciências das quais deriva – Psicologia ou Linguística. Essa autonomia é assegurada pela existência de um objeto específico, bem como de uma metodologia e uma modalidade de interpretação de fatos particulares” (São Paulo: Humanitas, p. 13-24, 2005. p. 13).

Surgiu como disciplina autônoma por volta dos anos cinquenta, a partir da necessidade sentida por parte de um grupo de psicólogos e linguistas, entre os quais se destacam C.E. Osgood, G.A. Miller, J.B. Carroll, T.E. Sebeok.

Dedica-se ao estudo à aquisição da língua materna aos assuntos da linguagem dos bebês, desenvolvimento da articulação da fala, desenvolvimento da compreensão da fala, relação entre produção da fala, compreensão da fala e pensamento, aprendizagem e processamento de palavras de sentido abstrato, funcionamento de mecanismos de memorização, lógica no estabelecimento de regras e atenção, processos cognitivos de aquisição da leitura e escritas pelas crianças e adultos, fatores psicológicos e sociais que afetam a aquisição da segunda língua, relação entre pensamento, língua e cultura, afasias que são problemas relativos à articulação da fala devido a lesões cerebrais, dislexias que são perturbações na aquisição leitura, agrafia que é um problema de aprendizagem e desenvolvimento da escrita, dentre outras.

Com essa diversidade de assuntos, é natural que se faça interseções e até mesmo superposições dos problemas que tradicionalmente pertencem à psicologia cognitiva e à Linguística, por isso a Psicolinguística tem se tornado mais eclética.

Na psicolinguística são usados três métodos de pesquisa, o método observacional, o método experimental e a simulação cognitiva.

O método observacional, consiste na observação do comportamento linguístico em diferentes atividades verbais de compreensão e produção da fala em situações comunicativas contextualizadas. O método experimental pressupõe a existência prévia de alguma hipótese sobre o fenômeno linguístico de interesse, deduzindo-se o tipo de consequência empírica que a hipótese produz, e a simulação cognitiva é o terceiro método de pesquisa do comportamento verbal.

Esse estudo é muito complexo, pois, temos alguns estudiosos, linguistas, psicólogos que defendem que a linguagem é um processo natural. Porém, de outro lado, temos os defensores de que a linguagem seria cultural.

E com isso, acaba tendo duas correntes de pensamentos, natural a que tem sentido de que a linguagem é determinada pela característica genética do ser humano, assim sendo um processo natural. Para a linha que defende que a linguagem é cultural, parte da ideia que ao ser aprendida, ao ser desenvolvida, ou influenciada em sociedade, passa a ter um viés muito forte. Já na atualidade, diz que

a linguagem se aproxima a um instinto, como por exemplo, a teoria de Pinker (2004), consideram que “a linguagem é mais um instinto” (como a eco localização de golfinhos ou a habilidade tecedora de aranhas) que uma invenção cultural (como roda ou a escrita).

Esse instinto seria igual a andar, quando a criança alcança o período de caminhar, se está em plenas condições físicas para isso, instintivamente ela vai caminhar. Para Pinker, a linguagem é uma capacidade que o ser humano tem, e irá se desenvolver no período adequado.

Os conceitos teóricos e metodológicos da investigação sobre aquisição de línguas, estão relacionados como uma questão fundamental na Teoria Linguística e no estudo da cognição humana, por meio da linguagem, crianças e adultos tem acessos a valores, crenças e culturas. Através dessa mistura, alcançam um nível linguístico e cognitivo mais elevado e seu campo de socialização se estende.

É espantoso como um ser humano, ao nascer, consiga ir desenvolvendo a língua materna que, pode ser uma ou mais, a ponto de dominá-la, já que a fala e a língua são um fenômeno muito complexo. “A linguagem se desenvolve em todas as crianças normais, obedecendo a sequências cronológicas semelhantes, embora possa haver variabilidade no ritmo de evolução de até seis meses” (Pena-Casanova 1994).

Dessa forma, pode-se observar que, a variação para o desenvolvimento vital da fala é de seis meses, relativamente à margem normal de desenvolvimento cronológico de uma criança sem graves problemas.

Em estudos feitos através do livro Psicologia em foco, acompanharemos o caminho da aquisição da língua materna desde o nascimento:

- Nas primeiras semanas de vida os bebês transmitem sons motivados pelo desconforto (idade de 0 e 2 meses), através do choro, o bebê aprende a controlar a respiração, sendo esse controle a base para a fala.
- Sons provocados pela satisfação do bebê (2 e 4 meses), nesse período de sua vida, a criança começa a distinguir os sons vocálicos e consonantais, quando surge o chamado “arrulho”, ainda que de uma forma difusa, associando a voz da mãe (Godoy; Senna, 2011 p. 46). Realiza vocalizações pré-linguísticas que consistem em arrulhos, sons guturais, como: gu. Os sons são chamados arrulhos por se assemelhar ao barulho emitidos por pombos.

- Fase dos balbucios (4 e 7 meses), é a primeira linguagem de um treino fonético para o bebê. Sílabas que se combinam e são iguais em todas as línguas como, pa-pa-ma-ma-ba-ba-da-da-ta-ta, como também entra a fase de engatinhar sentar, agarrar, etc. Há de se considerar também que várias crianças passam por essas fases em idades diferentes. É importante lembrar que sem sérias patologias passam por todas as etapas de desenvolvimento da fala e da linguagem.
- Emissão de palavras isoladas (12 e 18 meses), nessa idade, muitas crianças já respondem com palavras mais conhecidas à conversa de um adulto.
- Primeira combinação de palavras (18 e 24 meses), o vocabulário da criança progride rapidamente, aos 24 meses terá um vocabulário de até 300 palavras. A criança gosta de conversar e às vezes é difícil fazê-la parar. Ela agora sabe formar frases simples e também sabe como usar os pronomes “mim”, “eu” e “você.”
- A aquisição da linguagem não depende somente da inteligência do indivíduo, existe uma dissociação em suas capacidades cognitivas e linguísticas. Há relatos de crianças com sérios problemas cognitivos que alcançaram um alto desenvolvimento da linguagem. Quando não existem problemas, a aquisição da linguagem se completa aos 10 e 12 anos de idade.
- A partir dos 13 anos de idade em diante, tanto a criança quanto o adulto têm limitações no aprendizado de segundas línguas, é chamado de período crítico.

Estudos indicam que os problemas e patologias da linguagem, pertencem a neuropsicologia cognitiva da linguagem, que já vem sendo estudada desde o século XIX, com o intuito de conhecer os efeitos causados por lesões no cérebro humano e transtornos linguísticos como, a linguagem dos esquizofrênicos, deficiências mentais gerais ou neurológicas e deficiências anatômicas e fisiológicas, como a linguagem dos surdos (Psicolinguística em foco: linguagem-aquisição e aprendizagem p. 82).

Algumas dessas patologias eram consideradas de menor interesse para a psicolinguística, pois não influenciavam nos níveis tradicionais da linguagem (fonologia, fonética, morfossintaxe, semântica). Um exemplo é a esquizofrenia, que significa mente dividida, em que o indivíduo vive na fantasia, tendo alucinações que substituem a realidade. Ele é emocionalmente desligado das pessoas e não se importa mais em criar qualquer tipo de comunicação para seu convívio em família ou sociedade.

No entanto, deficiências anatômicas e fisiológicas como a surdez, a mudez, a cegueira, dificultam a produção da fala oral ou escrita. No caso da surdez, uma vez que o bebê apresenta esse tipo de patologia, acaba passando despercebido, pois ele chora, ri e balbucia como qualquer outra criança não surda. Com o passar dos anos essa mesma criança vai abandonando as tentativas de vocalização e fica completamente muda, recorrendo aos gestos para se comunicar, logo que, para a recepção da fala, usamos os ouvidos e os olhos.

Deficiências mentais gerais que tem manifestações cognitivas não diretamente linguísticas, mas verificáveis por meio da linguagem.

O cérebro humano possui uma estrutura neuroanatômica muito complexa que é dividida em duas grandes regiões: o hemisfério esquerdo e o hemisfério direito.

Estudos apontam que, o hemisfério esquerdo é bem mais abrigado para guardar as funções linguísticas. Porém, se ocorrer algum trauma no lado esquerdo, o lado direito do hemisfério está encarregado dessas funções dependendo da idade do paciente.

É importante saber que devido a um derrame ou trauma cerebral ocorridos no paciente, ao remover grande parte da massa encefálica, existem aqueles que desenvolvem apenas algumas alterações na fala. Estudos tem demonstrados que, o dano causado no cérebro de uma criança, como um recém-nascido ou com poucos anos de idade, ela vai ter uma flexibilidade muito maior. Por exemplo, crianças muito novas, mesmo a retirada total desse hemisfério pode não ser prejudicial para que elas desenvolvam a linguagem normalmente, logo, com o avanço da idade, cada hemisfério se especializa em suas funções e a flexibilidade cerebral diminui levando a distúrbios sérios da linguagem. Contudo, a fala não parece ser lateralizada no hemisfério direito e nos indivíduos que adquirem uma segunda ou mais línguas, parecem se localizar de preferência no hemisfério direito. Em adultos, quando o hemisfério esquerdo é afetado, ele perde toda aquela capacidade que eram possibilitadas para a linguagem.

Quadro 1 – A linguagem e sua relação com os hemisférios cerebrais

Função da Linguagem	Hemisfério Esquerdo	Hemisfério Direito
---------------------	---------------------	--------------------

Prosódia		
Ritmo	Domina	-
Entonação	Participa	Participa
Timbre	Participa	Participa
Semântica		
Significado Verbal	Domina	-
Formação de Conceitos	Participa	Participa
Imagens Visuais	-	Domina
Sintaxe		
Sequenciação	Domina	-
Relação entre os elementos	Domina	-

FONTE: Carrión, 1995, citado por Anula Rebollo, 2002, p. 20

Em adultos, o lado esquerdo se torna dominante para a função das linguagens, entretanto, o lado direito também tem uma participação muito importante como relata no quadro acima.

No que se refere a aprendizagem da leitura e da escrita da língua materna, em indivíduos saudáveis, são consideradas modalidades diferenciadas e não dicotômicas, pertencentes ao mesmo sistema linguístico. Considerando as abordagens teóricas-metodológicas da aprendizagem da escrita, ou seja, a cognitiva pois está relacionada ao conhecimento e à aprendizagem. Postula que a aprendizagem da escrita por uma criança, é dependente de estímulos externos e da criação de hábitos.

Vejamos na tabela comparativa, quanto as condições de produção do texto falado e do texto escrito:

Fala	Escrita
Interação face a face	Interação a distancia
Criação coletiva:	Criação Individual:

Falante e interlocutor participam da reformulação	Reformulação Promovida apenas pelo escritor
Texto falado-Planejado quase simultaneamente à produção	Texto escrito-permite treinamento prévio

É interessante observar lado a lado para que se entenda essa diferença. Na fala a interação face a face, se trata daquela que é presencial, que hoje em dia, até mesmo a internet possibilita essa interação na mesma distância, através de videoconferências. Enquanto na escrita, uma interação a distância, não acontece simultaneamente.

No segundo item, ou seja, na criação coletiva, o indivíduo está sempre falando com alguém, e na escrita, é um processo solitário.

No último item, tanto na fala quanto na escrita, tem-se um planejamento quase simultâneo, ou seja, a medida que vai falando, também vai planejando o próximo passo.

Nesse sentido, nos apoiamos em Marcuschi (2001, p. 37), que postula que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual, e não da relação dicotômica de dois polos opostos”.

O que Marcuschi considera é que, fala e escrita não se opõem, mas se completam entre elas. Por exemplo, pense em um bilhete ou uma carta, é um texto escrito, mas coloca-se características da fala, por isso não é possível separar essas duas modalidades.

Considerando os fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita em língua materna, recomenda que haja pouca tolerância com os desvios dialetais nessa fase inicial, em que deve haver maior ênfase na precisão gramatical ou ortográfica.

Para Kato, no livro (O Aprendizado da leitura, 1999), diz o seguinte:

O interesse pela leitura é recente e desenvolveu-se a partir da preocupação com a leitura instrumental em língua estrangeira. Se nosso aluno universitário não sabe ler os textos acadêmicos nem em língua materna nem em língua estrangeira, é preciso desencadear um trabalho preventivo e formativo e não apenas corretivo, isto é, trabalhar a leitura desde a sua aquisição.

A respeito desse assunto, pode-se dizer que, o aprendizado da língua materna é de suma importância, para que crianças e adultos, também possam desenvolver com facilidade o aprendizado de outras línguas.

Para entender melhor a teoria de aquisição da língua materna, os behavioristas acreditam que as crianças, são receptores passivos, onde o desenvolvimento da linguagem é exclusivamente linguístico. Para os inatistas, a criança através de análise da linguagem dos outros, ela descobre as regras gramaticais, no caso, a gramática universal. Para os interacionistas, a criança reconhece os argumentos fortes do inatismo e também de ambos os campos, mas assumem que muitos afetam o desenvolvimento da linguagem. Os sociointeracionistas por sua vez, vê a criança e a fala sem levar em consideração o ambiente que ela vive. Já o conexionismo, explica as conexões entre a criança, as frases e palavras, no ambiente em que ela se encontra.

O processo de aprendizagem da escrita em sala de aula é diferente do processo de aquisição da linguagem pela criança. Na escrita nós temos a aprendizagem, aquela que acontece pelo ensino formal, na escola. Enquanto a aquisição da primeira língua, ou seja, a fala é natural.

Por isso, os teóricos fazem essa distinção: A aquisição é um processo natural, e aprendizagem necessita de instrução formal, que é o caso da escrita e da leitura.

“Letramento é o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral” (SOARES, 1999, p. 3, grifo nosso).

Significa um estado em que o indivíduo sabe muito mais que ler e escrever, e sim das práticas sociais de leitura e escrita dentro da sociedade em que vive.

Em síntese, o alfabeto e o letramento são processos diferentes, mas não há porque o letramento excluir do seu processo a alfabetização, ou seja, a alfabetização é um passo rumo ao letramento.

Segundo Cagliari (2009), para alguém ser alfabetizado não precisa aprender a escrever, mas sim aprender a ler.

A leitura que se torna fundamental nesse processo, para esse mesmo autor, o segredo da escrita é a leitura.

Sobre a metodologia no ensino e aprendizado de outras línguas, as pesquisas feitas sobre o bilinguismo mostram que, independentemente da idade, pessoas que dominam mais de uma língua, tem capacidades notáveis de se apropriarem de diferentes idiomas. No mundo globalizado que vivemos, muitos indivíduos acabam incorporando outras línguas estrangeiras, seja através de música, filmes e publicidades.

Segundo Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 5), recentemente têm sido considerados como bilíngues aqueles “indivíduos que conhecem e usam duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência”. Atualmente, há uma relativização dessa ideia, considerando que o indivíduo que, é capaz de usar uma determinada língua para determinadas funções e em outros contextos, de acordo com as necessidades que se apresentam. Algumas vão usar mais a língua materna em contexto familiar, outras em contextos profissionais e acadêmicos, mas que conseguem manter comunicação, são consideradas pessoas bilíngues.

A diferença entre aquisição e aprendizagem de segundas ou mais línguas é que na aquisição ela aprende de forma natural, conforme o ambiente que se vive, pela necessidade de convívio. Considerando que, a educação em sala de aula desde a infância, é um espaço de aprendizagem e desenvolvimento, com materiais específicos.

É de suma importância oferecer estímulos para o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social dessa criança. Pois o desenvolvimento cerebral, nos primeiros cinco anos é acelerado, por isso, o aprendizado de uma segunda língua aumenta a atenção, memória, raciocínio lógico e criatividade. Na visão cognitiva, a criança passa a ser vista como sujeito ativo capaz de reconstruir o sistema de representação da língua escrita.

No entanto, quando um indivíduo é bilíngue, apresenta maior desenvolvimento da massa cinzenta no cérebro, em uma área voltada para a aquisição de vocabulários e estruturas gramaticais, aumentando a capacidade de memorização. Por isso, a importância de ensinar uma segunda língua desde a infância, pois a criança tem maior facilidade em aprender idiomas.

O fato de uma criança estar disposta a um segundo idioma, propicia um melhor aprendizado da leitura, propicia o melhor estímulo em todos os sentidos da criança. Pesquisas apontam que, crianças bilíngues, tendem a ter um nível maior que as crianças monolíngues, ou seja, a capacidade intelectual é maior nas que sabem mais do que a língua materna em si.

Os argumentos segundo Oxford (1990), os ensinamentos das estratégias aplicadas em sala de aula, no caso do vocabulário é algo realmente necessário.

No sistema de Oxford (1990):

- As estratégias metacognitivas ajudam o aluno a regular sua aprendizagem;
- As estratégias afetivas estão ligadas a aspectos emocionais do aluno, como a segurança;
- As estratégias sociais produzem um aumento da interação com a língua-alvo;
- As estratégias cognitivas são estratégias mentais que os aprendizes utilizam para dar sentido à sua própria aprendizagem;
- As estratégias de memória são utilizadas para o armazenamento de informações;
- As estratégias de compensação ajudam o aluno a superar lacunas de conhecimentos para dar continuidade à comunicação.

Em síntese, a psicolinguística nasceu nos anos cinquenta e está intimamente ligada ao aparecimento de novas ciências a partir de algumas já existentes. Através desses estudos, descobriu-se que o ser humano é dotado de uma série de sistemas neurofisiológicos, que possibilitam a atividade verbal e que através disso, a linguagem pode ser dominante no hemisfério esquerdo e em outros aspectos no hemisfério direito.

Quanto as teorias de aquisição de língua materna, os behavioristas acreditam que as crianças, são receptores passivos. Para os inatistas a criança é como se fosse um cientista, que descobre a fala através das regras gramaticais. Para os interacionistas, eles vão um pouco além do que propõem o inatismo, para eles muitos fatores atrapalham o desenvolvimento da linguagem. Para os sociointeracionistas a criança e seu ambiente estabelecem um sistema dinâmico entre eles. E para os conexionistas constroem conexões entre palavras. Cada uma dessas teorias, surge momentos diferentes de desenvolvimentos dos estudos da psicolinguística.

Na atualidade, felizmente esses estudos das relações das questões cerebrais e produção de linguagem e problemas decorrentes de tais lesões, são muito mais entendidos hoje, num nível maior que no passado.

A fala e a escrita transmitem a ideia de um continuum tipológico, já que não deve ser vista como modalidades dicotômicas, a partir de Marcuschi. O cognitivismo contribui para o conhecimento e analisar a mente. Todo conhecimento que a criança trás da oralidade, é através da sua experiência de ouvir leitura e ouvir histórias.

Há pesquisas que apontam vários fatores que atrapalham no aprendizado de língua materna e segundas línguas, estudos que ainda estão em andamentos, mas que não foram conclusivos.

Tendo em vista os aspectos observados, as estratégias de aprendizagem de idiomas mais desenvolvidas são a de Oxford (1990), que a estratégia usada em sala de aula é de suma importância realizar esse trabalho, pois por falta de conhecimento, alguns aprendizes podem acabar se limitando nesse desenvolvimento. Os argumentos e as justificativas são bastantes convincentes, de que, de fato, o ensino das estratégias aplicadas ao caso do vocabulário, é algo necessário.

METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado através de pesquisas e levantamentos feitos em materiais bibliográficos, livros, teses, site e arquivos. Sendo assim, a metodologia do meu TCC foi uma pesquisa básica, com objetivo descritivo, de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico.

O objetivo é compreender e estudar o desenvolvimento da fala, da escrita e do conhecimento da língua materna e estrangeiras, tem como foco principal analisar a psicolinguística desenvolvimental, que se ocupa em pesquisar a língua materna e segundas línguas.

De acordo com a teoria de Krashen, é que houve a aprendizagem apenas, mas não houve a aquisição. Pois a aquisição é que possibilita esse uso na interação, o uso natural da língua, de forma mais natural.

Para Altmann (2006, p.258), a psicolinguística é uma ciência encarregada do estudo dos “processos mentais envolvidos na aquisição da linguagem” pelos seres humanos.

Através de leitura em livros e de pesquisas em sites confiáveis, lendo artigos e trabalhos de conclusão de curso, busco com embasamento teórico, esclarecer e ampliar conhecimentos aos estudantes do curso de Letras Bacharelado, Licenciatura e Pedagogia, uma vez que a Psicolinguística é o estudo relacionado entre a mente e a linguagem. O tema desse trabalho não é uma questão nova, visto que vários pensadores, de diferentes épocas, têm-se debruçado sobre o estudo, preocupados em entender, de como a linguagem se relaciona com a mente.

Segundo Cervo e Silva (2003, p.49):

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referência teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado, existentes sobre um determinado assunto tema ou problema.

Percorremos um caminho bem amplo, desde o início da psicolinguística, da aquisição da linguagem, língua materna e segundas línguas e dicas de estratégias que podem ser usadas para melhorar e ampliar essa aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que, o tema escolhido, a “psicolinguística”, se deu graças ao estudo do pensamento, da emoção, do psicológico e dos fatores neurológicos que interferem na fala e na linguagem.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, verificar a compreensão e estudar o desenvolvimento da fala, da escrita e do conhecimento da língua materna e estrangeiras. Constatou-se que esse objetivo foi conquistado, porque o trabalho efetivamente, conseguiu demonstrar que, por meio da linguagem, crianças e adultos tem acessos a valores, crenças e culturas. Através dessa mistura, alcançam um nível linguístico e cognitivo mais elevado e seu campo de socialização se estende.

O objetivo específico tinha como foco principal, analisar a psicolinguística desenvolvimental, que se ocupa em pesquisar a língua materna e segundas línguas. Em síntese, estudos dizem que crianças bilíngues tendem a ter um nível maior que as crianças monolíngues, ou seja, a capacidade intelectual é maior nas que sabem mais do que a língua materna em si.

A pesquisa partiu da hipótese de que a importância da ciência no desenvolvimento de um indivíduo foi confirmada. Dessa forma, pode-se observar que, a variação para o desenvolvimento vital da fala de um bebê, é de seis meses. Crianças com problemas neurológicos, não desenvolvem a fala durante o período adequado.

Concluiu-se que, as questões problematizadas referentes ao tema, conforme objetivo geral e objetivo específico desse artigo, foram embasadas com resultados contundentes, através das referências bibliográficas e observações. Assim respondendo sucintamente as questões:

- A psicolinguística analisa o processo da comunicação humana.
- Os conceitos teóricos e metodológicos da investigação sobre aquisição de línguas, estão relacionados como uma questão fundamental na teoria linguística e no estudo da cognição humana.
- Os fatores psicológicos e sociais que dificultam a aquisição da língua materna e segunda língua, estão relacionados ao pensamento, língua, cultura e outras patologias. Acarretando problemas de aprendizagens e desenvolvimento da escrita.
- Por fim, para tentar solucionar a maioria dos problemas na aprendizagem, a estratégia usada nas salas de aulas, é oferecer estímulos para o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social dessa criança.

A metodologia deste trabalho foi elaborada na busca de embasamento teórico sobre o tema “Psicolinguística”, com a intenção de aumentar os conhecimentos aos discentes e teve como base, várias pesquisas bibliográficas, vários autores renomados, através de leitura sistemática dos livros e pesquisas em sites confiáveis.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla na bibliografia, para analisar os aspectos como citações por exemplo. As limitações que encontrei foram por falta de livros na biblioteca virtual do AVA.

Levando em considerações esses aspectos, recomendo que se possível, dar mais liberdade nas buscas pelos alunos, em pesquisas futuras.

Por fim, agradeço a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de

aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, G. **Psycholinguistics: History**. In BROWN, K. (Ed). **The Encyclopedia of Language and linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 257-265.

AFÁSICOS.28 nov.2009. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=1tjSh3eYaGE>. Acesso em: 24 jan. 2014.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. (1983) **Metodologia Científica**: para uso dos estudantes universitários. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

CIELO, Carla Aparecida. **Avaliação de habilidades em consciência fonológica**. *Jornal brasileiro de fonoaudiologia*, Curitiba, v. 04, p. 163-174, 2003.

COELHO, D.T. **Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia**. 22 out. 2013.
<http://www.ciecuminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>

CONNECTED Blog /**Importância do Bilinguismo na Educação Infantil**.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes. **A consciência fonológica na relação falada-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 125, p. 743-749, 2001.

GODOY, Elena. **Psicolinguística em Foco: linguagem – aquisição e**

aprendizagem/Elena Godoy, Luzia Schalkoski Dias. Curitiba: InterSaberes, 2014. (Série Língua Portuguesa em foco).

KATO, Mary. **O Aprendizado da Leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARCUSCHI, L.A. Da fala para a escrita: atividades de textualização. São Paulo: Cortez, 2001.

OXFORD, R. Language learning Strategies: What Every Teacher Should Know, New York: Newbury House, 1990.

PINKER, S.O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins, 2004.

PSICOLINGUISTICA, in **Infopédia [em linha]**. Porto: Porto Editora, 2003-2020.

SOARES, 1999 **p.3 grifos** do original

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication.** Cambridge: MIT Press, 2008.

ZIMMER, M,; FINGER, I,; SCHERER, L. **Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neolinguística.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL, Belo Horizonte, v.6, n.11, 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_do_bilinguismo_ao_multilinguismo.pdf. Acesso em: 24 jan. 2014.